

Resenha

Mulheres que não sonharam: a precariedade da rêverie materna e o não sonhado entre as gerações.

Costa, V. J.

São Paulo, SP: Dialética Editora, 2022, 164 p.

A (in)capacidade de sonhar: a precariedade da rêverie materna na clínica da psicose

Ana Fátima Aguiar*; **Marina Ferreira da Rosa Ribeiro****

A leitura de "*Mulheres que não sonharam: a precariedade da rêverie materna e o não sonhado entre as gerações*" avivou em mim o desejo de comunicar e fazer circular as ressonâncias, reflexões e os pensamentos evocados. Como analista e pesquisadora, posso dizer, inicialmente, do meu interesse particular pelo tema do livro, a *reverie*, um fenômeno humano, complexo, um movimento comunicativo intersubjetivo, que se manifesta a partir de um estado de mente aberto e receptivo. No que se refere às produções psicanalíticas em geral, temos aqui, neste livro, um precioso material, construído a partir de uma pesquisa bibliográfica minuciosa, muito bem fundamentada, de uma densidade teórica impressionante.

Neste livro, Victor de Jesus Costa nos presenteia com uma investigação robusta sobre o papel da *reverie* materna, apresentando com muita profundidade e competência o conceito em sua origem, ou seja, na perspectiva bioniana, e além disso, nos apresenta as diferentes concepções sobre a capacidade de *reverie* do analista e seus aspectos clínicos a partir das

* Psicóloga e psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: aguiar.anafatima@gmail.com

** Psicóloga e psicanalista. Professora doutora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: marinaribeiro@usp.br

formulações de importantes autores, em especial Thomas Ogden, mas também Antonino Ferro, James Grotstein, André Green, Luís Cláudio Figueiredo, Elias da Rocha Barros, entre outros. Embasado nesses autores, Costa desenvolve, com rigor científico e qualidade, as aproximações entre *reverie* materna e *reverie* do analista, sem o intuito de igualar, ou mesmo criar fronteiras rígidas, mas sim, de promover uma maior compreensão sobre cada qual, para que possamos pensar com mais clareza as possíveis conexões entre tais experiências.

Além da teoria, encontramos também a experiência clínica do autor com pacientes psicóticos, em um modelo de atendimento institucional que promove uma visão global do paciente, e que torna o material aqui apresentado ainda mais rico e relevante para se pensar a clínica da psicose de uma forma ampla. O que vemos é um trabalho sensível, ético, implicado, inovador por seu caráter multiprofissional que consegue entender o funcionamento psicótico em seus aspectos tanto individuais como sociais (incluindo a família e as instituições).

Costa vai nos mostrando como o trabalho clínico com tais pacientes foi gerando nele importantes inquietações... Ele se pergunta por que o desenvolvimento psíquico de um paciente psicótico despertava angústias intensas em algumas mães? Victor se questionava se haveria algo na dinâmica mãe-filho(a) que contribuiria para o surgimento dessas angústias. Suas reflexões partem, portanto, da experiência clínica e se encaminhavam para que, aos poucos se transformassem em um objeto de estudo, do qual nasce esta obra, fruto de uma pesquisa na qual observamos uma vasta e cuidadosa investigação teórica e que nos brinda com uma rica articulação com sua clínica.

O ponto principal do livro é a relação intersubjetiva entre mãe-filha, as quais Victor nomeou Adelina-Daniela, evidenciando um anagrama que condensa uma de suas hipóteses clínicas. É uma conjunção que diz muito sobre os elementos dessa dinâmica intersubjetiva e que está muito bem explicitada ao longo do texto. Com base na experiência clínica vivenciada com Adelina-Daniela, Vitor procura compreender o papel da *reverie* materna (ou a precariedade dela) na relação entre mãe e filho(a) na qual ambos possuem histórico de crises psicóticas.

O diálogo entre a teoria e o caso clínico Adelina-Daniela é desenvolvido a cada capítulo, o que favorece ao leitor construir novos pensamentos em relação à clínica da psicose e sobre a relação mãe-filho(a) neste contexto. A leitura do livro “Mulheres que não sonharam” nos envolve e nos mostra os conceitos como o esteio que dá corpo à clínica, enquanto a experiência clínica dá vida ao campo teórico.

O caso clínico de Adelina-Daniela aponta para a hipótese central do autor de que os conteúdos não sonhados pelas gerações anteriores podem contribuir para o sofrimento (bem como exigir trabalho psíquico) para a geração atual. É a partir dessa ideia que se seguem as demais reflexões e questionamentos desenvolvidos neste trabalho. O livro se mostra, desse modo, uma importante ferramenta para quem se interessa pelo tema da *reverie*, bem como pela clínica da psicose. Mas é indicado também aos psicanalistas em geral que se valem de uma leitura consistente teoricamente, permeada pela sensibilidade clínica, e que aponta novos horizontes para pensarmos a psicanálise na atualidade.

[...]Diversos afetos tais como tristeza, solidão, abandono eram quase que inaudíveis em meio ao impressionante e surpreendente “barulho” oriundo da violência presente em suas histórias. Por meio dessa escuta, fruto da suspensão do julgamento de realidade, tornei-me capaz de ouvir uma mulher profundamente entristecida, também uma mulher que carregava muito ódio do mundo e de todos por ter vivido uma vida tão turbulenta e solitária [...] O vínculo que se estabeleceu entre nós, durante boa parte da análise, era caracterizado por me fazer

experienciar intensos afetos que, aparentemente, mostravam-se impossíveis de serem vividos por ela. (Costa, 2022, p.98)

A partir de sua experiência com mãe e filhos na clínica da psicose, e com base no aprofundamento teórico do qual resultou esse livro, Victor se questiona sobre quais seriam as consequências psíquicas na mente do filho quando a mãe, ao invés de metabolizar os pensamentos perturbadores da criança, projeta nela seus próprios pensamentos. Como toda boa pesquisa, esse trabalho permite que formulações sejam feitas e abre caminhos para pensarmos a importância da criação de novas ferramentas técnicas para o manejo na clínica da psicose.

Entendo que um psicanalista é sempre um pesquisador do funcionamento psíquico e suas manifestações. Cito aqui Thomas Ogden (2013), um dos autores privilegiados no livro de Victor Costa, que diz que a psicanálise que deve ser viva e criativa, e nos convidar a estarmos abertos ao movimento cambiante da vida para que a análise possa se tornar, tanto para o analisando quanto para o próprio analista, um acontecimento humano. Por meio de uma psicanálise viva e fluida, Ogden nos coloca diante de uma clínica implicada, que se dá a partir de uma presença e de uma escuta receptiva na experiência analítica.

É exatamente o que acompanhamos com a leitura do livro de Victor de Jesus Costa. Vemos um trabalho clínico sensível e disponível, que possibilita a abertura para uma escuta atenta e continente de processos psíquicos complexos. Pensar sobre a *reverie* na clínica da psicose, tanto no que se refere à relação mãe-bebê, como também na dinâmica analista e analisando, amplia e reforça a compreensão, bem como a relevância das experiências emocionais vividas intersubjetivamente. As reflexões e problematizações teórico-clínicas levantadas por Victor culminaram em uma produção relevante, consistente, que tem muito a contribuir para que o avanço do pensamento psicanalítico e para os estudos sobre a intersubjetividade na clínica psicanalítica contemporânea.

Separei um pequeno trecho do livro de Costa que gostaria de apresentar aos futuros leitores de “Mulheres que não sonharam”. Nele, Victor discorre sobre os sentimentos vividos na análise de Adelina, relato que nos permite, como leitores, compreender a necessidade de que haja um estado de abertura de mente do analista para ser habitado pela desordem do analisando, disponibilizando-se a receber seus conteúdos hostis e caóticos. Neste pequeno fragmento podemos entrar em contato com as turbulências e percalços que o analista vive com a analisanda, e o quanto a capacidade de *reverie* do analista, estado de mente capaz de receber tais conteúdos não representados de seu analisando, tem uma função de extrema importância para que a dupla possa, então, sonhar sonhos que não puderam ser sonhados:

[...] me senti puxado para seu mundo interno, um mundo permeado de personagens difusas e hostis. Acredito que essa minha sensação pode apontar um caminho a ser pensado. Esse mundo difuso e hostil sugere a mim que a diferenciação entre o mundo externo e o interno era precária na mente da paciente e associo-o às peripécias trágicas vividas e sofridas por ela. Ao intuir que a história de vida relatada por Adelina era composta por histórias que, de tão absurdas, beiravam à incredulidade, e que contudo, eram ainda, em certa medida, críveis, comecei a deixar em suspenso se tratar-se-iam de dados de realidade, fantasia ou delírio. (Costa, 2022, p.99)

Considero o recorte acima citado uma forma de ilustrar a implicação de Costa como analista e a sensibilidade com a qual ele acolhe e dá continência a conteúdos psíquicos tão desprovidos de metabolização e representação. O trabalho teórico-clínico desenvolvido pelo autor aponta para a necessidade de nos abirmos para uma compreensão da clínica da psicose a partir de uma psicanálise ampliada, que se atenta às questões psíquicas, sociais e institucionais desses pacientes. Desse modo, o livro promove um olhar para o papel das dinâmicas intersubjetivas nos processos de constituição do psiquismo, bem como, para a relevância da intersubjetividade como um elemento central na relação analista-analisando, fundamental para as transformações (de ambos) em análise. Desse lugar implicado, podemos construir, como descrito por Ogden, um pensamento psicanalítico vivo e humano.

Referências

Ogden, T. H. (2013). *Reverie e interpretação*. São Paulo: Escuta.

Ribeiro, M. (2020). The psychoanalytical intuition and reverie: capturing facts not yet dreamed. *The International Journal of Psychoanalysis*, 103(6), 929-947.
Doi: [10.1080/00207578.2022.2084402](https://doi.org/10.1080/00207578.2022.2084402)

Recebido em setembro de 2023 – Aceito em dezembro de 2023.